

Elevação de sujeito e objeto da completiva-sujeito de adjetivos em português do Brasil

Ryan Saldanha Martinez¹, Jorge Baptista², Oto Araújo Vale¹

¹Universidade Federal de São Carlos – Brasil

²Universidade do Algarve, INESC-ID Lisboa – Portugal

{ryan.saldanha.martinez@gmail.com, jbaptis@ualg.pt, otovale@ufscar.br}

Abstract. We describe two types of subject clause restructuring in Brazilian Portuguese adjectives: subject raising (*Que João faça isso é bacana / João é bacana em fazer isso*) and object raising (*Fazer isso é incomum / Isso é incomum de se fazer*). Their formation and extension are described based on the most frequent adjective lemmas in a corpus. Adjectives accepting subject raising were found to be a subset, composed mainly of behavior and evaluative adjectives, of those accepting object raising.

Resumo. Descrevem-se dois tipos de reestruturação de completiva-sujeito de adjetivo em português do Brasil: elevação de sujeito (*Que João faça isso é bacana / João é bacana em fazer isso*) e elevação de objeto (*Fazer isso é incomum / Isso é incomum de se fazer*). A formação e a extensão desse fenômeno são descritas a partir de uma lista dos lemas de adjetivos mais frequentes em um corpus. Observou-se que os adjetivos que aceitam elevação de sujeito formam um subconjunto, composto principalmente por adjetivos de comportamento e avaliativos, dos que aceitam elevação de objeto.

1. Introdução

Este artigo apresenta e discute certas operações de reestruturação de completiva-sujeito de frases com adjetivos em português do Brasil. Reestruturações são transformações que reorganizam os elementos da frase [Gross 1975, p. 142-143], [Guillet and Leclère 1981, p. 100]. As frases seguintes, (1) e (2), exemplificam transformações de reestruturação:

- (1) a. *Que o João faça isso é legal*
- b. *O João é legal em fazer isso*

- (2) a. *Que alguém faça isso é nostálgico (da sua parte)*
- b. *Isso é nostálgico de (se) fazer*

A frase (1a) apresenta o adjetivo *legal* numa construção com completiva-sujeito. A partir dessa forma de base, se obtém a frase reestruturada (1b): o sujeito da completiva é

deslocado e passa a sujeito da construção; o conteúdo da completiva é deslocado para um complemento introduzido por *em* e sofre redução a oração infinitiva. A frase (2a), por seu turno, apresenta o adjetivo *nostálgico*, também numa construção com completiva-sujeito. Na frase equivalente, obtida por reestruturação, observa-se que o complemento direto de *fazer* passa a sujeito do adjetivo e o verbo da completiva passa a infinitivo e funciona como complemento preposicional. Ambas as reestruturações que se aplicam às completivas-sujeito de adjetivo são também chamadas *construções de elevação* [Barbosa and Raposo 2013, p. 1949–1961], isto é, aquelas em que ou o sujeito (1) ou complemento (2) da completiva-sujeito são “alçados” para a posição de sujeito da frase, enquanto a completiva se desfaz e passa a ser introduzida por preposição. Assim, estamos diante de operações do mesmo tipo, a ser contrastadas por uma pesquisa que as tome como objeto. Propomo-nos a descrever em extensão as reestruturações das completivas-sujeito de adjetivo em português do Brasil; isto é, pretendemos identificar quais adjetivos aceitam estas reestruturações.

2. Quadro teórico-metodológico

Neste trabalho, adotamos o quadro teórico da Gramática Transformacional de Operadores, desenvolvida por [Harris 1964, Harris 1976, Harris 1991], articulando-o com as preocupações metodológicas do modelo do Léxico-Gramática [Gross 1975, Gross 1981, Gross 1996], nomeadamente pela sistematicidade das observações e necessidade da sua formalização. Tomamos como referência central a noção de *gramática mínima (least grammar)* [Harris 1991, p. 4]¹, entendida como uma gramática que busca reduzir ao máximo as redundâncias na descrição de uma língua, ao mesmo tempo que permite gerar todas as frases gramaticais dessa língua com o menor número possível de construtos teóricos. Nesse enquadramento, as transformações desempenham um papel fundamental na redução de redundâncias na descrição, ao permitirem que se considerem equivalentes duas formas sintáticas distintas que veiculam, de modo global, a mesma informação linguística. Essa equivalência inclui, sobretudo, a preservação das restrições distribucionais relativas ao preenchimento lexical das posições argumentais e a manutenção de um significado global comum entre as diferentes formas. Finalmente, trata-se de operações sintáticas que estabelecem uma equivalência formal, em que os elementos plenamente significativos (morfemas com conteúdo semântico-lexical) podem sofrer alterações, nomeadamente na sua posição e função na frase, mas tal não altera as relações semânticas fundamentais que estabelecem entre si nas frases transformacionalmente ligadas. Considera-se, assim, neste trabalho, que as operações transformacionais de *reestruturação* se aplicam a uma frase de base, representada pela fórmula (Q0):

$$(Q0) \text{Que } N^0 V ((\text{Prep} \ N^1)) \ V_{cop} \ Adj$$

em que N^0 representa o sujeito da completiva-sujeito, V representa seu verbo principal, os elementos opcionais *Prep* e N^1 representam uma preposição e o complemento da completiva-sujeito, V_{cop} corresponde ao verbo copulativo (*ser* ou *estar*) e *Adj* se refere ao adjetivo predicativo. Tal sequência serve como forma de base para as transformações aqui discutidas. Utilizamos este critério formal como ponto de partida para observar o comportamento sintático dos 6.450 adjetivos mais frequentes da partição brasileira do

¹Por restrições de espaço, não apresentamos uma discussão detalhada da noção de *economia* neste trabalho e indicamos ao leitor interessado a referida obra.

corpus PtTenTen20 [Kilgarriff et al. 2014]², o qual é composto de textos de natureza muito variada e recolhidos a partir da internet. Identificamos que 925 desses adjetivos³ aceitavam a construção Q0, com completiva-sujeito, e eram, portanto, candidatos a aceitar reestruturações. Testando primeiro a aceitabilidade das frases reestruturadas das construções de base desses adjetivos, obtidas por meio de nossa intuição e validadas entre os autores, e, em seguida, confirmando empiricamente a sua existência por meio de busca em corpora, procuramos caracterizar em extensão, sistematicamente, as reestruturações de completiva-sujeito de adjetivo.

3. Resultados

As próximas subseções apresentam nossa proposta de descrição formal e extensional dos adjetivos que aceitam, respectivamente, elevação de sujeito e elevação de objeto. Os resultados da pesquisa extensional (isto é, cada um dos adjetivos e as reestruturações que aceitam) estão disponíveis em uma matriz léxico-gramatical⁴.

3.1. Elevação de sujeito: $N^0 V_{cop} Adj em V_{inf}$

Para nomes predicativos que aceitam verbo-suporte *ser de*, muitos deles morfologicamente relacionados a adjetivos, foi descrita uma operação de reestruturação de completiva que ocorre após uma redução prévia a infinitiva e consiste na cisão da oração subjetiva, deixando em lugar do sujeito o sujeito da completiva e deslocando a infinitiva reestruturada introduzida por *em* para depois do adjetivo [Baptista 2005, pp. 90–102]. A esta operação dá-se, frequentemente, o nome de *elevação de sujeito (subject raising)*. Essa cisão também se observa nos adjetivos predicativos do português do Brasil:

- (3) a. *Que o João faça isso é generoso*
b. *O João é generoso em fazer isso*

Temos, assim, a transformação da frase de base na sequência reestruturada (R1):

$$(R1) N^0 V_{cop} Adj em V_{inf}.$$

A literatura prévia apresenta diferentes maneiras de caracterizar a elevação de sujeito. Para o francês, sugeriu-se [Picabia 1978, p. 102–104] que as estruturas com elevação de sujeito seriam derivadas de uma estrutura causativa:

- (4) a. *Jean est courageux de vouloir partir*
(O Jean é corajoso em querer partir)
b. *Jean est courageux du fait qu'il veuille partir*
(Jean é corajoso devido ao fato de que ele queira partir)

²Disponível em <https://www.sketchengine.eu/>

³Excluíram-se os adjetivos regularmente derivados de verbo, como participios passados e alguns adjetivos terminados nos sufixos *-vel*, *-nte* e *-or*; bem como adjetivos formados pela concatenação dos prefixos *in-*, *des-* ou *anti-* a outra forma adjetival e que apresentavam a mesma distribuição de sua forma de base.

⁴<https://tinyurl.com/elsujobj>

(Exemplos adaptados de [Picabia 1978, p. 106])

Segundo [Meunier 1999, p. 16], [Riegel 1985] sugere que a estrutura com elevação de sujeito tem na origem uma frase com *de la partie de N* (da parte de N) (5a), que sofre as transformações de pronominalização do sujeito (5b), redução da completiva (5c), extração da completiva (5d) e, finalmente, a elevação de sujeito (5e):

- (5) a. *Que Pierre part seul est courageux de la part de Pierre*
(Que Pierre parta sozinho é corajoso da parte de Pierre)
- b. *Qu'il part seul est courageux de la part de Pierre*
(Que ele parta sozinho é corajoso da parte de Pierre)
- c. *Partir seul est courageux de la partie de Pierre*
(Partir sozinho é corajoso da parte de Pierre)
- d. *Il est courageux de la part de Pierre de partir seul*
(É corajoso da parte de Pierre partir sozinho)
- e. *Pierre est courageux de partir seul*
(Pierre é corajoso em partir sozinho)

(Exemplos retirados de [Meunier 1999, p. 16])

Uma relação transformacional direta entre frases como (5a) e (5e) já havia sido proposta por [Vendler 1968, p. 103-104] para o inglês. Essas propostas partem do pressuposto de que as frases com *da parte de N* e aquela com elevação de sujeito trazem as mesmas informações. [Meunier 1999, p. 15] sugere, em oposição a essas análises, que as frases com elevação de sujeito seriam uma construção opinativa com valor causal, parafraseáveis por outras estruturas de julgamento causativo, como a do exemplo (6):

- (6) *Je juge que Paul_i est honnête du fait qu'il_i est intervenu*
(Eu julgo que o Paul_i é honesto por ele_i ter intervindo)

(Exemplo adaptado de [Meunier 1999, p. 15])

Assim, para [Meunier 1999], (6) é uma forma parafrástica a (7), o que justifica a ligeira diferença de sentido entre (Q0) e (R1):

- (7) *Paul est honnête d'être intervenu*
(O Paul é honesto de ter intervindo)

(Exemplo adaptado de [Meunier 1999, p. 12])

Levantamos as propriedades formais dessas construções. A posição de sujeito da oração introduzida por *em* apresenta correferência obrigatória com o sujeito da oração matriz, como demonstrado pela inaceitabilidade de (8c):

- (8) a. *Que o João faça isso é desumano*
b. *O João foi desumano em fazer isso*
c. **O João foi desumano em a Maria ter feito isso*

Essa reestruturação é pouco aceitável se o elemento separado de oração subordinada não for um **agente**⁵ desta última, como demonstra a inaceitabilidade de (9d):

- (9) a. *Que o João vista essa roupa é ridículo*
b. *O João foi ridículo em vestir essa roupa*
c. *Que o João caiba nessa roupa é ridículo*
d. **O João foi ridículo em caber nessa roupa*

Dos 925 adjetivos com completiva-sujeito identificados, 472 (51,03%) aceitavam elevação de sujeito. Tais adjetivos são predominantemente denotativos de **comportamento humano e avaliativos**.

3.2. Elevação de objeto: $N^1 V_{cop} \ Adj \ de \ V_{inf}$

A forma mais econômica de conceber a elevação de objeto⁶ é considerá-la como a passagem de uma frase com completiva-sujeito (10a) que, tendo sofrido redução da oração subordinada a infinitiva (10b), se transforma na sequência:

$$(R\text{-}Obj) \ N^1 V_{cop} \ Adj \ de \ N^0 V_{inf}$$

e que se ilustra nos exemplos seguintes (10):

- (10) a. *Que alguém faça isso é opcional*
b. *Alguém fazer isso é opcional*
c. *Isso é opcional de (se) fazer*

O pronome indefinido *alguém*, que adiciona pouca informação, pode se reduzir ou ao pronome *se* ou a zero nas completivas-sujeito ativas (10c). Alternativamente, podemos

⁵Neste texto, apresentamos noções semânticas em negrito.

⁶Diante de uma construção amplamente, comumente como um tipo de “alçamento” (*raising*) [Gonçalves 2017] ou sob os nomes *tough-construction/tough-movement* [Hicks 2017], ressalvamos que não se pretende aqui discutir toda a bibliografia sobre o assunto ou esgotá-lo, mas caracterizá-lo dentro de uma gramática mínima harrissiana e determinar a extensão do fenômeno em português do Brasil.

conceber (10c) com o pronome *se* como resultado da elevação de objeto sobre uma passiva pronominal:

- (11) a. *Que se faça isso é opcional*
b. *Isso é opcional de se fazer*

Não é decidível qual das soluções é mais pertinente, já que ambas são processos de degradação da saliência do agente da ação.

Essa transformação da elevação do objeto se registra também para completivas-sujeito passivas; nesse caso, se verifica a elevação do **objeto** semântico, que desempenha a função de sujeito da oração passiva encaixada; a redução do pronome indefinido quando na função sintática de complemento agente da passiva é, como se sabe, uma operação de grande generalidade e que o torna facultativo nestas frases:

- (12) a. *Que isso seja feito (por alguém) é opcional*
b. *Isso ser feito (por alguém) é opcional*
c. *Isso é opcional de ser feito (por alguém)*

Determinados adjetivos, como os relacionados com o conceito de **custo** (*barato, caro, grátis*, etc.), só parecem aceitar como completiva-sujeito as orações reduzidas de infinitivo sem sujeito expresso (13a-13b) ou, quanto muito, com um sujeito indefinido *alguém* reduzido a pronome indefinido *-se*. Nesses casos, a elevação de objeto (13c) se aplicaria diretamente à forma no infinitivo (13b).

- (13) a. **Que alguém faça isso é gratuito*
b. *Fazer(-se) isso é gratuito*
c. *Isso é gratuito de (se) fazer*

Uma vez que a operação de elevação do objeto desloca esse constituinte para a posição de sujeito do adjetivo, a posição sintática de complemento direto do verbo na infinitiva já não pode ser preenchida por outro elemento lexical, nem mesmo um pronome:

- (14) a. *Essa regra é opcional de seguir*
b. **Essa regra é opcional de seguir essa regra / -la*
c. **Essa regra é opcional de seguir essas recomendações*

As propriedade dos complementos *Prep V_{inf}* nessas estruturas se diferenciam das de complementos de adjetivo. Eles não podem se mover pela frase (15a), nem ser

pronominalizados (15b), [Casteleiro 1981, pp. 293–294], nem ainda serem o pivot de frases interrogativas (15c-15d) [Meydan 1995, p. 63]:

- (15) a. **De fazer, isso é opcional*
b. **Isso é opcional disso*
c. **De que é que isso é opcional?*
d. **Isso é opcional de quê?*

Talvez fosse possível considerar outras propostas de derivação dessas estruturas, mas não as admitimos porque seriam descritivamente menos econômicas. Uma delas [Lasnik and Fiengo 1974] propõe a derivação a partir de uma construção em que há duplicação do objeto em posição de sujeito (16a) e seu posterior apagamento (16b):

- (16) a. ** Isso é natural de fazer isso*
b. *Isso é natural de fazer*

Foi também sugerido ([Casteleiro 1981, pp. 298–299], [Ruwet 1982], [Riegel 1985, pp. 169–170]) que a elevação de objeto poderia decorrer de uma forma intermediária: nela, a completiva-sujeito inteira é posposta e passa a ser introduzida pela preposição *de* (17b). Obter-se-ia, a partir dessa forma, a elevação de objeto propriamente dita (17c):

- (17) a. **É insalubre alguém fazer isso*
b. **É insalubre de alguém fazer isso*
c. *Isso é insalubre de fazer*

Entretanto, essas frases são de aceitabilidade fraca ou nula em português – ao contrário do que ocorre para o francês, por exemplo, cujas análises são a origem dessa proposta –, de forma que parece ser descritivamente mais econômico desconsiderá-las. Assim, essas soluções padecem de um problema: propor que formas atestadas partam de formas não atestadas. Isso é pouco econômico para a descrição da língua, pois introduz frases e operações desnecessárias.

De um ponto de vista semântico, já foi dito que os adjetivos que aceitam elevação de objeto denotam predicados de tipo **apreciativo** em oposição a predicados **descritivos** [Picabia 1978, p. 98] (francês), que avaliam tanto *N₁* quanto uma ação que se realize sobre ele [Nam 1996, p. 287-288] (coreano). Essa operação é comum aos adjetivos de **dificuldade** ([Messina 2019, p. 243] (italiano), [Hicks 2017] (inglês)) e de **frequência** [Fleisher 2015] (inglês). No português do Brasil, já foi dito que esse fenômeno ocorre com predicados **epistêmicos** e **avaliativos** [Gonçalves 2017, p. 1292-1293].

Por fim, fazemos a ressalva de que a possibilidade de se aplicar a elevação de objeto está ligada tanto ao adjetivo quanto ao predicado da completiva-sujeito, o que impõe um desafio à descrição dessas estruturas. Enquanto combinações como *verdadeiro* com *afirmar* (18a) aceitam plenamente a elevação de objeto, a combinação desse mesmo adjetivo com *fazer* (18b) se torna duvidosa em construções de elevação.

- (18) a. *Isso é verdadeiro de se afirmar*
b. **Isso é verdadeiro de se fazer*

Para nossa descrição extensional, testamos a aceitabilidade da elevação de objeto com verbos com valor genérico, como *fazer*, procurando restringir nossa análise ao papel do adjetivo na aceitabilidade dessas construções. Estudos futuros deverão, pois, dar conta destas restrições distribucionais quanto à compatibilidade entre o verbo da subordinada e o predicado expresso pelo adjetivo.

Identificamos que, de 925 adjetivos que aceitam completiva-sujeito, 703 (76%) aceitam a elevação de objeto. Destes, 231 adjetivos aceitam apenas elevação de objeto e não a elevação de sujeito. Finalmente, um total de 222 (24%) dos adjetivos que apresentavam a estrutura Q0 não aceitavam nem elevação de sujeito nem elevação de objeto.

4. Discussão

Observou-se que os adjetivos que aceitam elevação de sujeito são um subconjunto dos que aceitam elevação de objeto. De um ponto de vista semântico, os adjetivos de **comportamento humano** (como *maduro*, *maldoso* e *nobre*) e os **avaliativos** (*legal* = agradável, *razoável*, *ótimo*) são os mais comuns entre os que aceitam ambos os tipos de reestruturação. Aceitam exclusivamente elevação de objeto os de **custo** (*econômico* = barato, *salgado* = caro, *grátis*), de **dificuldade** (*mole* = fácil, *complicado*, *brabo*), **epistêmicos** (*gritante*, *duvidoso*, *provável*), **deônticos** (*proibitivo*, *obrigatório*, *legal* = dentro da lei) e uma parte dos adjetivos de **frequência**, como *raro* e *comum*, ainda que outros desses adjetivos, como *frequente* e *rotineiro*, também aceitem elevação de sujeito, sem que pareça haver algum critério semântico para tal.

5. Considerações finais

Este artigo apresentou uma pesquisa que propõe uma descrição formal dos fenômenos de elevação de sujeito e objeto de adjetivo com completiva-sujeito no quadro de uma gramática mínima e uma descrição extensional dos adjetivos que aceitam uma das ou ambas as reestruturações de completiva-sujeito. Observamos que 76% dos adjetivos com completiva-sujeito em português do Brasil aceitam elevação de objeto; um subconjunto destes, constituído por adjetivos denotativos de (formas de) **comportamento** e de tipo **avaliativo**, aceita também elevação de sujeito (51,03% do total de adjetivos). As próximas etapas deste trabalho envolverão integrar o fenômeno de reestruturação da completiva-sujeito dos adjetivos a outras propriedades sintáticas desses itens lexicais, tais como as possibilidades de nominalização das completivas, a equivalência com construções verbais, a aceitabilidade de complemento e seus diferentes tipos, entre outras, de modo a propor classes de adjetivos predicativos com comportamento sintático mais homogêneo.

Agradecimentos

Ryan Saldanha Martinez: Este estudo foi financiado em parte pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Jorge Baptista desenvolveu sua pesquisa no Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Investigação e Desenvolvimento em Lisboa, INESC-ID Lisboa – Human Language Technology Laboratory (INESC-ID Lisboa/HLT) e foi parcialmente financiado pelos fundos nacionais por meio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), projeto UIDB/50021/2020 (DOI:10.54499/UIDB/50021/2020). Oto Araújo Vale e Ryan Saldanha Martinez: Parte deste trabalho foi realizado no âmbito do Centro de Inteligência Artificial da USP (C4AI -<http://c4ai.inova.usp.br/>), que tem o apoio da IBM e da FAPESP (processo 2019/07665-4). Este projeto também foi apoiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, que tem recursos da Lei nº 8.248, de 23 de outubro de 1991, no âmbito do PPI-Softex, coordenado pela Softex e publicado como Residência em TIC 13, DOU 01245.010222/2022-44. Os autores agradecem o apoio financeiro concedido pelo PPGL/UFSCar de verba CAPES/PROAP para a participação neste evento.

Referências

- Baptista, J. (2005). *Sintaxe dos predicados nominais com ser de*. Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa.
- Barbosa, P. and Raposo, E. B. P. (2013). Subordinação argumental infinitiva. In *Gramática do português*, volume 2, pages 1901–1980. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Casteleiro, J. M. (1981). *Sintaxe transformacional do adjetivo – regência das construções completivas*. INIC, Lisbon.
- Fleisher, N. (2015). Rare-class adjectives in the tough-construction. *Language*, 91(1):73–108.
- Gonçalves, S. C. L. (2017). O estatuto variável de construções com e sem alcântamento: uma abordagem sociofuncionalista. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 33(4):1291–1321.
- Gross, M. (1975). *Méthodes en syntaxe: régime des constructions complétives*. Herman, Paris.
- Gross, M. (1981). Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, 63:7–52.
- Gross, M. (1996). Lexicon-Grammar. In *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories*, pages 244–259. Pergamon.
- Guillet, A. and Leclère, C. (1981). Restructuration du groupe nominal. *Langages*, 63:99–125.
- Harris, Z. (1976). *Notes du cours de syntaxe*. Éditions du Seuil, Paris.
- Harris, Z. S. (1964). Transformations in Linguistic Structure. *Proceedings of the American Philosophical Society*, 108(5):418–422.
- Harris, Z. S. (1991). *Theory of Language and Information. A Mathematical Approach*. Clarendon Press, Oxford.

- Hicks, G. (2017). Tough-movement. *The Wiley Blackwell Companion to Syntax, Second Edition*, pages 1–27.
- Kilgarriff, A., Jakubíček, M., Pomikalek, J., Sardinha, T., and Whitelock, P. (2014). Pt-tenten: A corpus for portuguese lexicography. In Sardinha, T. and São Bento Ferreira, T. d. L., editors, *Working with Portuguese Corpora*, pages 111–128. Bloomsbury Academic.
- Lasnik, H. and Fiengo, R. (1974). Complement object deletion. *Linguistic Inquiry*, 5(4):535–571.
- Messina, S. (2019). The predicative adjective and its propositional arguments: A lexicon-grammar classification. *Lingvisticae Investigationes*, 42(2):234–261.
- Meunier, A. (1999). Une construction complexe $N_0 \text{ être } Adj \text{ de } V_0\text{-}inf W$ caractéristique de certains adjectifs à sujet humain. *Langages*, pages 12–44.
- Meydan, M. (1995). *Transformations des constructions verbales et adjetivales: élaboration du lexique-grammaire des adjectifs déverbaux*. PhD thesis, Paris 7.
- Nam, J.-S. (1996). *Classification syntaxique des constructions adjetivales en coréen*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam.
- Picabia, L. (1978). *Les constructions adjetivales en français: systématique transformationnelle*, volume 11. Librairie Droz.
- Riegel, M. (1985). *L'adjectif attribut*. P.U.F., Paris.
- Ruwet, N. (1982). *Note sur la montée de l'objet*, pages 76–93. Seuil, Paris.
- Vendler, Z. (1968). *Adjectives and nominalizations*. Mouton, Paris.